

## O papel social do jornalista no contexto da desinformação<sup>1</sup>

Maria Elisabete ANTONIOLI<sup>2</sup>

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

### RESUMO EXPANDIDO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o papel social do jornalista no contexto da desinformação, tendo em vista o problema existente no cenário comunicacional atual, em que as informações falsas, enganosas ou distorcidas afetam milhões de pessoas pelas redes sociais, e procuram deslegitimar o jornalismo e minar a confiança do público nas notícias publicadas. Nessa perspectiva, busca-se valorizar a produção jornalística como um recurso essencial no combate à desinformação e enfrentamento do problema. No presente trabalho, foram utilizadas uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa documental para fundamentar a discussão.

O jornalismo é uma profissão que está permanentemente associada a um trabalho voltado em prol da sociedade. A conduta ética do jornalista exige um compromisso com a precisão e com a busca da verdade dos fatos, para garantir que as informações sejam relatadas com exatidão. Isso implica em verificar a veracidade das fontes e checar os fatos. Envolve o respeito pelos direitos das pessoas envolvidas nas notícias, como também os seus impactos na sociedade. Os códigos deontológicos são fundamentais para afiançar a credibilidade e a integridade do jornalismo. Ao aderir a esses princípios e diretrizes, os jornalistas podem desempenhar um papel vital na sociedade ao fornecerem informações que ajudam a manter os cidadãos informados e fortalecem a democracia. “A teoria democrática reconhece, certamente, que os jornalistas têm uma competência específica, que é identificada, em primeiro lugar, com o fornecimento de informação à sociedade, ou seja, com as notícias” (Traquina, 2005, p. 117-118).

É exatamente em relação à informação produzida para a sociedade que os gêneros jornalísticos estão presentes, com destaque para a notícia, que informa o público sobre os fatos e o ajuda na compreensão do mundo ao seu redor. Pesquisadores que se dedicam ao estudo da notícia exploram diversas perspectivas, muitas das quais convergem para a premissa de que a notícia deve ser produzida mediante o interesse público e com as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Coordenadora e Professora do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: [elisabeteantonioli@hotmail.com](mailto:elisabeteantonioli@hotmail.com).

técnicas jornalísticas em sua construção. Nilson Lage (2005, p. 73) diz que “o texto básico do jornalismo é a notícia, que expõe um fato novo ou desconhecido, ou uma série de fatos novos ou desconhecidos do mesmo evento, com suas circunstâncias.” O autor afirma ainda que esse formato, na sua estrutura global, é um texto expositivo e que uma boa notícia não é a mais bem escrita, mas, sim, a verdadeira. “Nesse aspecto, o jornalismo tem uma confiança tal em seu discurso que se aproxima da ciência” (Lage, 2005, p. 82). O pesquisador argumenta que o jornalista tende a considerar adequada a divulgação daquilo de que tem certeza, desde que haja interesse público. Ainda a respeito da sua estrutura, Lage (2003, p. 16) define a notícia “como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante.” Luiz Costa Pereira Junior (2006) considera que a apuração de informações implica em uma sequência de procedimentos em três momentos: no planejamento da apuração, na revisão do material apurado e na revisão das informações editadas. Nesse sentido, salienta que é necessário validar a informação com, pelo menos, duas fontes. Isso não significa que erros não possam ocorrer. Mesmo com os mais rigorosos processos de apuração, há momentos em que podem surgir falhas de diversas formas, desde informações imprecisas fornecidas por fontes, até interpretações equivocadas dos jornalistas. Os profissionais da imprensa enfrentam desafios complexos diariamente, lidando com prazos apertados, grande volume de informações e pressões externas. Em meio a esse ambiente dinâmico, é inevitável que, ocasionalmente, ocorram lapsos na apuração ou na interpretação dos acontecimentos. Contudo, quando erros são cometidos, é importante corrigi-los o mais rápido possível, de maneira transparente e responsável. Isso inclui retratar-se publicamente, retificar informações imprecisas e fornecer contextos adicionais. É por meio do compromisso com a transparência e a precisão que se fortalece a credibilidade do jornalismo e se preserva sua função vital na sociedade. “A notícia é a matéria-prima do jornalismo”. Essa é a definição de Mario Erbolato (2003, p.49-50), que afirma ainda: “comerciar e trabalhar com as notícias constitui a função básica dos jornais”. Para o pesquisador, a notícia é considerada completa quando proporciona ao leitor a ideia exata do acontecimento. Erbolato também aponta para as diferenças da divulgação de um fato: informação, interpretação e opinião, sendo que o último elemento é considerado outro gênero jornalístico, conforme os estudos de José Marques de Melo (1985).

Se a notícia é a matéria-prima do jornalismo, como afirma Mario Erbolato (2003), a desinformação é caracterizada pelas informações falsas, enganosas ou distorcidas e, em grande parte, tem o objetivo de manipular a opinião pública, de ganhar influência ou de promover agendas específicas. A desinformação tem se manifestado de várias formas, desde teorias da conspiração até notícias fabricadas, memes virais e falsos boatos.

Esse fenômeno, embora seja antigo, tem se propagado com grande força a partir do século XXI, com ascensão das mídias sociais, causando severas consequências à sociedade. As plataformas digitais proporcionaram um espaço poderoso para a propagação de teorias da conspiração, notícias falsas e manipulação de informações. Bots automatizados e trolls pagos são frequentemente utilizados para amplificar narrativas falsas nas redes sociais. No Brasil, o WhatsApp tem sido uma ferramenta robusta para disseminar desinformação. Claire Wardle e Hossein Derakhshan (2017) discutem o conceito de desinformação, que abrange diversos fenômenos, e tem em comum a disseminação de informações enganosas. Os pesquisadores apontam três categorias do ambiente de desordem da informação: desinformação (*disinformation*) - informação falsa criada propositalmente para prejudicar uma pessoa, um grupo social, uma organização ou um país; informação errada/incorrecta (*misinformation*) - realizada com dados imprecisos, mas que não tem a intenção de causar dano; má informação/mal informação (*mal-information*) - baseada em acontecimentos reais, mas usada para infligir danos a uma pessoa, organização ou país.

Wardle (2020) identifica sete tipos distintos de conteúdos problemáticos no ambiente de desordem informacional: os três primeiros são considerados de “dano baixo”: Conteúdo Enganoso: uso enganoso de informações para enquadrar um problema ou indivíduo; Conexão Falsa: quando manchetes, imagens ou legendas não dão suporte ao conteúdo; Sátira ou Paródia: nenhuma intenção de causar dano, mas com potencial para enganar. Os outros quatro, são considerados de “alto dano”: Conteúdo Fabricado: novo conteúdo 100% falso, criado para enganar e causar danos; Conteúdo Manipulado: quando informações ou imagens genuínas são manipuladas para enganar; Conteúdo Impostor: quando fontes genuínas são imitadas; Contexto Falso: quando o conteúdo genuíno é compartilhado com informações contextuais falsas. Os conteúdos tratados pela pesquisadora têm sido veiculados ininterruptamente ao longo dos anos e compartilhados pelas redes sociais, principalmente em relação a temas políticos, econômicos e de saúde, com prejuízos para as populações do mundo inteiro. É possível verificar que danos à democracia e tentativas de enfraquecê-la têm sido causados pelas desinformações que

---

procuram minar as instituições democráticas, distorcer o processo político, dificultar a tomada de decisões dos cidadãos baseadas em fatos e, além de tudo, descredibilizar o jornalismo. Notícias falsas ou enganosas sobre questões econômicas muitas vezes influenciam negativamente os mercados financeiros, causando volatilidade e afetando o bem-estar econômico de indivíduos e de comunidades. Os riscos à saúde pública se tornam mais graves quando as pessoas acreditam em desinformações e tomam decisões, como rejeitar vacinas, adotar tratamentos não comprovados ou ignorar medidas de prevenção de doenças. No Brasil, o período da pandemia da COVID-19 foi marcado por uma série de mortes que poderiam ter sido evitadas se as pessoas tivessem tomado a vacina e não acreditado em desinformações de toda ordem, cujo objetivo era o de desqualificá-la. Conforme informações disponíveis no G1, de 7 de março de 2022, uma pesquisa da Avaaz, feita em maio de 2020, apontou que 9 a cada 10 entrevistados recebeu pelo menos uma mensagem falsa sobre a COVID-19 e mais de 70% acreditaram nessas mensagens. Outra questão que faz parte do complexo cenário da desinformação é o chamado viés de confirmação, termo cunhado pelo psicólogo inglês Peter Wason na década de 1960, que se refere à tendência que o indivíduo tem de buscar informações e grupos que confirmem suas crenças. Por isso, os criadores de informações falsas usam estratégias para garantir a propagação contínua de suas histórias (por exemplo, via compartilhamento em redes sociais), que vão ao encontro das crenças de seus consumidores.

No mundo atual, em que a informação flui livremente através de uma infinidade de canais, distinguir entre notícia e desinformação tornou-se uma habilidade crucial para os consumidores de informação. Embora ambas possam parecer semelhantes à primeira vista, existem diferenças fundamentais nos seus conteúdos que necessitam ser compreendidas pelas pessoas. Enquanto indivíduos, com más intenções, disseminam desinformações e contribuem ainda mais para aprofundar as divisões sociais e políticas, aumentando a polarização e minando a coesão social, outros, como os jornalistas, seguem na busca pela verdade factual. Ao longo dos anos, os jornalistas têm prestado um serviço essencial à sociedade, assumindo diversas funções nas mídias com o objetivo de produzir notícias, grandes reportagens e outros textos, vídeos ou áudios dos diversos gêneros e formatos jornalísticos. Com o advento das mídias digitais e sociais, surgiram mais funções no mundo do trabalho dos jornalistas, como curadoria de conteúdo, gestão de redes sociais e produção de conteúdo multimídia, entre outras. Essas mudanças refletem a necessidade de adaptação às novas plataformas e formatos de comunicação bem como

---

a demanda por uma abordagem mais abrangente e dinâmica do jornalismo contemporâneo. Nesse cenário, é importante mencionar que o rigor na checagem dos fatos, que sempre fez parte das rotinas produtivas do profissional, ganhou relevância nos últimos anos, devido ao crescente número de desinformação que é compartilhado principalmente pelas redes sociais.

Atualmente, permanece o rigor do jornalista na checagem de fatos, que visa garantir a precisão e a veracidade das informações apresentadas no jornalismo, mas um outro objetivo de checagem faz parte de sua rotina também, a checagem da desinformação, que tem como propósito desmentir informações falsas e enganosas que são disseminadas com o intuito de manipular ou de confundir o público. Ambas as práticas são essenciais para promover a transparência, a credibilidade e a responsabilidade no jornalismo. Nesse sentido, várias organizações de mídia estabeleceram equipes especializadas em fact-checking, como Fato ou Fake, serviço criado pelo Grupo Globo. Além disso, no Brasil, foram criadas agências de checagem independentes, como, por exemplo, Lupa, Comprova e Aos Fatos, que desempenham um papel relevante na identificação de informações falsas e no esclarecimento ao público.

Enfrentar o desafio da desinformação requer uma colaboração global entre governos, empresas de tecnologia, organizações da sociedade civil, o público em geral e os jornalistas. Somente por meio de um esforço coletivo, podemos preservar a integridade da informação e fortalecer os fundamentos de uma sociedade democrática e informada.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalista; notícia; desinformação.

## **REFERÊNCIAS**

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo**. Redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo, Ática, 2003.

---

G1. **Fato ou Fake: Por que as pessoas acreditam em fake news?** Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2022/03/07/fato-ou-fake-por-que-as-pessoas-acreditam-em-fake-news.ghtml>. Acesso em: 10 jan. 2024.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 2003.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica do Texto Jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**. Métodos de investigação na imprensa. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Porque as notícias são como são. V.I. 2. Ed. Florianópolis: Insular, 2005.

WARDLE, Claire. **Understanding information disorder**. First Draft News, 2020. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/long-form-article/understanding-information-disorder/>. Acesso em 27. jan. 2022

WARDLE, Claire. **Guia Essencial da First Draft para entender a desordem informacional**. First Draft, 2020. Disponível em: [https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2020/07/Information\\_Disorder\\_Digital\\_AW\\_PTBR.pdf?x75440](https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2020/07/Information_Disorder_Digital_AW_PTBR.pdf?x75440). Acesso em: 22. maio 2021.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research/168076277c>. Acesso em 27. jan. 2022.